

PAPEL DA LÍNGUA MATERNA NOS FRASEOLOGISMOS EM PLE UM ESTUDO COM APRENDENTES CHINESES

ROLE OF MOTHER TONGUE ON PHRASEOLOGISM IN PLE A STUDY WITH CHINESE LEARNERS

Sara Pita*
saratopete@ua.pt

Liu Ruixi**
liu.ruixi@ua.pt

A fraseologia estuda frases ou expressões cristalizadas pelo uso, que foram criadas para responder a necessidades comunicativas. Embora pareça existir um decréscimo na sua utilização, o certo é que ainda sobrevivem e, como tal, colocam algumas dificuldades a estudantes de Português como Língua Estrangeira (PLE) pelo seu caráter não linear. O presente trabalho procura trazer à discussão o papel da língua materna na aquisição destas expressões por parte de alunos de Português como Língua Estrangeira, analisando, a partir de dados recolhidos num trabalho de investigação anterior, se a existência de expressões análogas na língua materna, a frequência de uso, o tempo de estudo, influenciam o seu conhecimento.

Palavras-chave: Fraseologismos. Português Língua Estrangeira. Aprendentes chineses. Aquisição. Língua Materna.

Phraseology studies phrases or expressions crystallized by usage, which were created to respond to communicative needs. Although there seems to be a decrease in their use, what is certain is that they still survive and, as such, pose some difficulties to Portuguese as a Foreign Language (PLE) students due to their non-linear character. The present work seeks to discuss the role of mother tongue on the acquisition of these expressions by Portuguese as a Foreign Language students, analyzing, based on data collected in a previous research work, the existence of analogous expressions in the mother tongue, the frequency of use, study time, influence knowledge.

Keywords: Phraseology. Portuguese as Foreign Language. Chinese Students. Acquisition. Mother Tongue.

•

* Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC), Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. ORCID: 0000-0001-8429-4189

** Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

1. Introdução

O fraseologismo, unidade de estudo da fraseologia, corresponde a uma forma de ampliação do vocabulário, “servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana” (Vilela, 2002, p. 161).

Tal significa que não é possível desvincular as expressões fraseológicas da vivência da comunidade, da cultura popular, da língua do povo, uma vez que representam um conceito mental partilhado. Assim, (re)conhecer as expressões de uma língua é também (re)conhecer as características de um povo. Segundo Jorge:

As expressões idiomáticas descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os seus lugares, as experiências quotidianas, os sentires... Mantém intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade. (Jorge, 2001, p. 216).

Para além desse cunho de identidade nacional, as expressões também se constroem do contacto entre povos, especialmente num mundo globalizado como aquele em que atualmente vivemos.

Os fraseologismos estão presentes em muitas línguas, como referem Burger *et al.* (1982), razão pela qual têm vindo a ser desenvolvidos muitos estudos. No caso português, tem-se observado um crescente interesse pela fraseologia, com a publicação de diversos dicionários nos anos 90 do século passado e com a integração deste conteúdo nos programas escolares, sobretudo do Ensino de Português para Estrangeiros. O facto de as colocações e as fórmulas fixas serem utilizadas amiúde (Sinclair, 1991), justifica os estudos.

O presente trabalho procura, num primeiro momento, apresentar conceitos relacionados com a fraseologia e, numa segunda fase, abrir a discussão sobre o papel da língua materna e, por extensão de outras línguas, na aquisição destas expressões por parte de alunos de Português como Língua Estrangeira (em diante, PLE).

2. O campo da fraseologia

A fraseologia tem como unidade de estudo o fraseologismo, que consiste numa forma de ampliação do vocabulário. Nos fraseologismos incluem-se as colocações, os quase-frasemas e as expressões idiomáticas.

O conceito de *colocação* foi introduzido em 1957 por Firth para falar de combinações de palavras fixadas pela norma ou pela sua frequência de uso, cujo significado é parcialmente deduzível já que um dos seus constituintes mantém o seu significado original. A título de exemplo, na colocação *ódio mortal* (Vilela, 2002), o adjetivo adquire um novo valor, implicando a atualização semântica de toda a expressão.

Por seu turno, o *quase-frasema*, segundo Mel’chuk (1995), corresponde a uma expressão que conserva os sentidos dos seus constituintes, acrescentando-se um novo significado. Por exemplo, à expressão *teto falso* acrescenta-se um significado técnico:

teto construído sob um outro para diminuir a altura de uma divisão que propicia a insonorização e a preservação térmica.

Finalmente, a *expressão idiomática* corresponde a uma combinação sistemática de palavras, entendidas como um único lema, cujo significado não pode ser obtido literalmente, pois alguns elementos perdem o seu sentido original e adquirem um novo pelo contacto com o outro. Em suma, evoca a necessidade de extrair significado para além do sentido dos seus constituintes (Rio-Torto, 2012). A expressão idiomática plasma a tradição cultural e as necessidades de vida de um momento específico (Silva, 2002). Veja-se, por exemplo, a expressão *dar às de Vila-Diogo*, cuja origem parece estar ligada a uma ordem dada por Fernando III de Castela em Villadiego (Rente, 2013).

Os fraseologismos caracterizam-se pela opacidade semântica, o que dificulta o processo de compreensão por parte de alunos estrangeiros, uma vez que não se podem usar os recursos habituais e previsíveis para a obtenção do significado. O termo *opacidade semântica*, que pode ser entendido como a capacidade de um falante interpretar semanticamente uma informação com poucos recursos (externos e internos), opõe-se a *transparência semântica* (Seuren & Wekker, 1986). Aquele conceito foi utilizado para analisar palavras compostas, por exemplo por Libben (1998) ou Gagné *et al.* (2016), mas pode ser extrapolado para a questão dos fraseologismos. Recuperando um exemplo do inglês relativo às palavras compostas, dado por Libben (1998), na palavra *strawberry* (morango, em inglês), o primeiro termo *straw* é opaco, pois o seu significado literal não é convocado, e o segundo termo é transparente. Se se aplicar o mesmo pressuposto em relação aos fraseologismos, em particular ao exemplo *sorriso amarelo*, verifica-se que o adjetivo é opaco, já que corresponde a falso, contrafeito, implicando uma atualização do sentido de toda a expressão.

No que diz respeito aos fraseologismos, as palavras que os compõem podem ser semanticamente transparentes, opacas ou ambas, o que poderá implicar diferentes graus de complexidade a nível interpretativo. Uma vez que a opacidade semântica está intrinsecamente relacionada com a metáfora, então não se pode falar de fraseologismo sem a considerar (Lakoff & Johnson, 1980). Segundo estes autores:

The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another. (*idem*, p. 5)

(...) metaphorical concepts can be extended beyond the range of ordinary literal ways of thinking and talking into the range of what is called figurative, poetic, colorful, or fanciful thought and language. (*idem*, p. 14)

Dobrovol'skij & Piirainen (2005) afirmam que a metáfora tem um papel de grande relevo na construção e interpretação dos fraseologismos, pois impõe limites aos seus usos dependendo da imagem mental que representam. Vejam-se dois exemplos, o primeiro dos quais recuperado dos autores supramencionados e adaptado ao português.

- (1) a. *estar entre a espada e a parede*, que significa *estar numa situação difícil*, remete para uma imagem mental de restrição de movimentos, portanto deve ser aplicada em situações comunicativas que apelem a esta ideia;

- b. em *amor cego*, o adjetivo adquire o sentido de *arrebatador*, apontando para a ideia de perda total do sentido da visão, de fatalidade, de impossibilidade de retrocesso.

O fraseologismo também se caracteriza pela sua *polilexicalidade* (Burger, 1998; Gaston, 2000), ou seja, cada expressão fraseológica é composta por, pelo menos, duas palavras que operam, em termos semânticos, em conjunto, e pela sua *estabilidade*, pois existe uma certa restrição à mudança dos elementos. Contudo, estão simultaneamente abertos à *variabilidade* (Vilela, 2002), pois há espaço para um número finito de variações morfológicas que não impactam sobre o sentido original (Jorge, 2001). Jorge (2001) e Vilela (2002) falam em variações verbais (ex.: *Atirar / deitar areia para os olhos*) e nominais (*Pintar a manta / o diabo / a macaca*), variações de gênero e número (*Arrebitar a orelha / as orelhas*), no numeral (*Dar dois / quatro dedos de conversa*), entre outras. Algumas destas variações decorrem de razões funcionais já que é necessário concordar os vários constituintes frásicos: por exemplo, deve-se fazer concordar o particípio com o seu referente, como se vê nas frases *A Joana está caída de amores pelo Pedro* e *O Pedro está caído de amores pela Joana* ou substituir *estar caído de amores* por *estar perdido de amores*.

Como mencionado previamente, os fraseologismos estão presentes em várias línguas e, não obstante terem uma vinculação cultural, é possível identificar paralelismos, o que pode facilitar o processo de aquisição. Ainda a propósito de *estar caído(a) de amores*, observa-se em inglês uma expressão análoga, a saber *fall in love*; em ambos os casos, o verbo *cair* assume um sentido figurado, apontando para uma ação que está fora do controlo do agente, ou seja, uma experiência que não consegue controlar.

3. Interlíngua

No processo de aquisição de uma língua é inevitável ocorrer contacto interlinguístico, já que aquele implica ultrapassar barreiras entre sistemas linguísticos (Brown, 1980). Nesse contacto interlinguístico é possível observar *transferências*, conceito definido como o conjunto de procedimentos que conduzem à incorporação de elementos de uma língua em outra (Kellerman, 1987). A transferência não ocorre exclusivamente entre a Língua Materna (LM) e a Língua Estrangeira (LE), mas sim entre todas as línguas que constituem o repertório linguístico do falante, e pode ser *positiva*, por exemplo quando se depreende o significado de uma palavra na língua-alvo a partir de uma outra língua já assimilada, ou *negativa*, quando os conhecimentos prévios têm impacto na aquisição da língua-alvo.

Neste momento, importa retomar o termo *interlíngua*, criado por Selinker (1972), que diz respeito à tentativa de produção de normas associadas a uma língua-alvo, ou seja, uma língua criada pelo aprendente a partir de (a) transferência linguística da L1, (b) transferências resultantes do processo de aprendizagem formal, (c) estratégias de aprendizagem da L2, (d) mecanismos comunicativos usados pelo aluno na L2, (e) o material linguístico da L2. A interlíngua é individual, na medida em que é exclusiva a cada aprendente, e transitória, pois decorre até à assimilação total da língua-alvo.

Do exposto, importa retirar duas ideias para o presente trabalho: observar o conhecimento de aprendentes implica reconhecer o seu percurso linguístico, para

identificar pontos de convergência e divergência; reconhecer que, no processo de expansão do conhecimento semântico, são convocados saberes prévios.

4. Estudo prático

4.1. Objetivos

De acordo com os dados recolhidos num trabalho sobre a aquisição de fraseologismos por aprendentes chineses de PLE (Ruixi, 2021), 80% dos alunos considera que a LM tem impacto na identificação do significado dos fraseologismos, referindo que algumas expressões têm um correspondente em chinês (o que proporciona situações de transferência positiva) e outras têm formas semelhantes, mas significados distintos (podendo contribuir negativamente para a aprendizagem).

Partindo desta descoberta, procurar-se-á, neste trabalho, estimular o debate sobre o papel da LM na aquisição de fraseologismos em Português Língua Estrangeira. Para tal, recuperar-se-ão alguns resultados obtidos em exercícios propostos no inquérito original e discutir-se-á a possível relação destes com o repertório linguístico dos alunos, a frequência de uso das expressões e o tempo de estudo.

4.2. Trabalho de base

O trabalho original, realizado na Universidade de Aveiro, contou com a participação de 40 alunos chineses a frequentar cursos superiores de Língua Portuguesa. O grupo 1 era constituído por 20 estudantes do terceiro ano de Licenciatura, que se encontram a estudar em Portugal há um ano; o grupo 2, por 20 estudantes do segundo ano do Mestrado com dois anos de estudo no nosso país. Todos os inquiridos possuíam conhecimentos de inglês, tendo estudado formalmente por vários anos. Em termos de contacto com os nativos, o grupo 2 interagia numa base diária com os portugueses, ao passo que o grupo 1 apenas tinha uma ou duas interações semanais.

Os alunos foram submetidos à realização de um questionário, em versão física e digital, que visava analisar o conhecimento relativo aos conceitos teóricos, ao significado de expressões e à aplicação em contexto, bem como obter informação sobre a exposição a estas expressões e à influência da língua materna.

4.3. Resultados

Os resultados apresentados de seguida serão organizados a partir de três pontos:

- O impacto da transferência positiva, em virtude da existência de correspondentes em chinês (em diante, CH), quer em termos composicionais, quer em termos semânticos;
- O impacto da transferência negativa causado pela existência de (a) um correspondente com sentido distinto, (b) de uma outra expressão que utiliza os mesmos termos lexicais com sentido distinto ou (c) de uma expressão diferente em forma, mas cujo significado remete para a mesma ideia;

- O impacto da transferência negativa, devido ao facto de não existir correspondente em CH.

Para estimular a discussão, efetuou-se uma pesquisa no motor de busca “Google” em fevereiro de 2022 das próximas expressões para observar a frequência de uso, tendo-se verificado a seguinte distribuição:

- Estar com os azeites – 14 300 000 ocorrências
- Mercado negro – 3 880 000 ocorrências
- Abrir o jogo – 2 730 000
- Sem papas na língua – 327 000 ocorrências
- Com unhas e dentes – 260 000 ocorrências
- Elefante branco – 256 000 ocorrências
- Brincar com o fogo – 186 000 ocorrências
- Ódio mortal – 92 400 ocorrências
- Com a cabeça em água – 34 300 ocorrências
- Falar para uma porta – 32 900 ocorrências
- Cinturão negro – 19 100 ocorrências
- Queimar as pestanas – 996 ocorrências
- Ser amigo de Peniche – 479 ocorrências¹

Teoriza-se que quanto maior for o número de ocorrências, maior será a probabilidade de os inquiridos serem expostos a estas expressões, o que, consequentemente, poderá ter influência na assimilação deste conteúdo. No entanto, ressalva-se que não se procedeu à análise de todos os resultados, pelo que se reserva a possibilidade de alguns serem usados com outros significados.

4.3.1. Expressões com correspondente em CH

Observem-se, agora, os resultados obtidos (Ruixi, 2021) relativamente a dois fraseologismos, que possuem correspondente em Mandarim, e que foram testados para avaliar a capacidade de identificar o sentido figurado.

Tabela 1. Expressões com correspondente em CH

Colocações		Sentido figurado		Sentido literal		Ambos	
PT	CH	G1	G2	G1	G2	G1	G2
Mercado negro	黑市 ²	45%	70%	15%	25%	40%	5%
Cinturão negro	黑帶 ³	70%	95%	15%	5%	15%	0%

¹ De ressaltar que se pesquisou a expressão ‘ser amigo de Peniche’; contudo, reconhece-se que, se apenas se procedesse à pesquisa de ‘amigo de Peniche’, o número de ocorrências poderia ser diferente.

² Tradução: ‘mercado negro’

³ Tradução: ‘cinto preto’

Em mandarim, quer *mercado negro*, quer *cinturão negro* possuem o mesmo significado que em PT, o que possivelmente contribuiu para os bons resultados neste exercício por parte dos dois grupos.

Os dados obtidos indicam que uma parcela dos inquiridos do Grupo 1 (40%) considera que a expressão *mercado negro* também é utilizada para fazer referência ao mercado escravagista, o que demonstra que ainda não atualizaram o seu significado. Esses inquiridos ainda a associam ao período histórico, nomeadamente ao tráfico de escravos negros, e não à ocorrência de ações ilícitas. Contudo, importa ressaltar que estes inquiridos ainda se encontram numa fase inicial dos seus estudos em Portugal e que têm no seu currículo disciplinas relacionadas com a História de Portugal.

No caso de *cinturão negro*, é mais notório o grau de conhecimento do sentido figurado em ambos os grupos. Esta situação era expectável, considerando a existência de um correspondente em mandarim e de a própria cultura chinesa estar profundamente ligada às artes marciais.

Tabela 2. Reconhecimento do sentido de expressões com correspondente em CH

Colocações		Sentido figurado		Outros sentidos	
PT	CH	G1	G2	G1	G2
Brincar com o fogo	玩火自焚 ⁴	55%	80%	45%	20%
Apertar os cordões à bolsa	勒紧腰带 ⁵	70%	75%	30%	25%

Os fraseologismos presentes na Tabela 2 têm o mesmo significado nas duas línguas, o que pode explicar os resultados positivos. Todavia, também é necessário considerar o facto de o exercício com estes fraseologismos, contrariamente ao anterior, fornecer um contexto, o que também pode ter tido influência. Ainda assim, o Grupo 1, no que concerne à primeira expressão, não parece tão seguro quando o Grupo 2, revelando uma tendência para entender a questão no seu sentido literal ou para lhe atribuir outros sentidos.

Como se pode verificar a partir dos resultados, os inquiridos pertencentes ao Grupo 2 compreendem que o significado de ambas as expressões foi atualizado, rejeitando a possibilidade do duplo sentido. Tal pode ser justificado pelo tempo de exposição à língua, pelo período de imersão (tempo de estudo em Portugal) e pela própria prática académica, já que nos níveis intermédios e avançados se exploram, nos manuais escolares, os fraseologismos.

4.3.2. Expressões com similitudes e divergências no sentido ou na forma

Conforme referido anteriormente, neste ponto analisam-se os fraseologismos que, em certa medida, se aproximam do português, mas cujas diferenças podem comprometer a compreensão do sentido da expressão. De facto, algumas expressões são similares no que diz respeito aos itens lexicais que as constituem, mas divergem no significado; outras aproximam-se em termos de sentido, mas divergem em forma. Do nosso ponto de vista,

⁴ Tradução: ‘brincar com fogo’

⁵ Tradução: ‘apertar o cinto’ (sustentar-se de pouca comida e continuar a trabalhar ou viver com fome e pobreza)

todas estas diferenças convergem para o surgimento de potenciais situações de transferência negativa.

Importa referir antes de avançar que, no exercício proposto, o fornecimento de um contexto parece ter ajudado a compreender o sentido, mesmo que a expressão não estivesse totalmente adquirida.

Tabela 2. Expressões com correspondentes em CH

PT	CH	Sentido figurado		Outros sentidos	
		G1	G2	G1	G2
Falar para uma porta	对牛弹琴 ⁶	70%	90%	30%	10%
Ter as costas quentes	有靠山 ; 有后台 ⁷	25%	25%	75%	75%
Queimar as pestanas	火烧眉毛 ⁸	35%	60%	65%	40%

A versão chinesa 对牛弹琴 (*falar para uma porta*) significa literalmente *tocar piano para a vaca*. Apesar de conceptualmente remeterem para a mesma ideia, ou seja, um agente humano executa uma ação para um destinatário não humano que, naturalmente, não a pode compreender, recorrem a lexemas totalmente diferentes, o que dificulta a transferência de saber de uma língua para a outra. Isto talvez justifique o facto de 30% do grupo 1 não ter entendido o significado figurado.

Relativamente a *ter as costas quentes*, considera-se que as respostas incorretas podem ter resultado da escolha lexical e da sua associação a diferentes expressões chinesas. O adjetivo *quente* (em chinês 热) é integrado na expressão 热血沸腾, que significa *sentir uma emoção elevada* ou *sentir paixão para fazer algo*. Já a palavra *costas* (背) faz parte de 如芒刺背, significando *ansiedade extrema*, o que fundamenta a resposta *estar nervoso/ansioso* dada pelos dois Grupos (15% do Grupo 1; 45% do Grupo 2). Portanto, a LM teve claramente impacto negativo sobre a identificação do significado da expressão.

Embora a expressão chinesa 火烧眉毛 seja formalmente semelhante a *queimar as pestanas* possui um significado distinto, representando *urgência*. Este facto pode ter condicionado a resposta, o que levou a que não compreendessem o significado da expressão em português, usada para indicar *estudo árduo*.

4.3.3. Expressões sem correspondente em CH

Apresentam-se agora alguns dados sobre expressões que não possuem correspondente em CH.

⁶ Tradução: ‘tocar piano para a vaca’

⁷ Tradução: ‘ter um patrocinador/financiador/apoiante’. As duas expressões têm um significado muito semelhante, mas 有靠山 é mais positiva ou mais neutral do que 有后台. A segunda usa-se para falar de um jovem que faz coisas nocivas ou injustas a outras pessoas, mas não se preocupa com isso, porque o seu pai é rico ou poderoso.

⁸ Tradução: ‘sobrancelhas ardentes’

Tabela 3. Expressões sem correspondente em CH

Expressões	Sentido figurado		Sentido literal	
	G1	G2	G1	G2
Abrir o jogo	5%	15%	90%	75%
Sem papas na língua	55%	60%	45%	40%
Ódio mortal	80%	85%	20%	15%
Visita de médico	20%	35%	80%	65%

A primeira expressão em análise, *abrir o jogo*, apresentou resultados bastante negativos. A maioria dos inquiridos selecionou a opção que correspondia a *iniciar um jogo*, o que denota que conhecem outros significados do verbo *abrir* para além do literal *descerrar*. Assim sendo, esta opção não pode ser totalmente desconsiderada, já que há circunstâncias em que a colocação pode corresponder ao início de uma partida, como por exemplo num jogo de bilhar. No entanto, verifica-se que os inquiridos não reconhecem o sentido *revelar*, pelo que não associam à hipótese correta *ser honesto* ou *dizer a verdade*.

Também a expressão *visita de médico* teve resultados insatisfatórios, uma vez que a grande maioria dos inquiridos optou pelo seu sentido literal. Ainda que possa corresponder, efetivamente, à visita de um profissional de saúde em certos contextos,⁹ enquanto expressão idiomática significa *visita rápida*. Como referido no início deste artigo, as expressões idiomáticas surgem das necessidades comunicativas e das próprias vivências em sociedade, portanto conjectura-se que a ampliação do significado possa ter decorrido do facto de as visitas dos médicos em Portugal serem demasiado fugazes num dado ponto da História, o que era visto como algo negativo, reprovável. Daí que, atualmente, a expressão também assuma uma carga negativa, quase crítica. Ora esta opacidade impõe dificuldades a um aluno estrangeiro a quem falta conhecimento cultural e linguístico; sem aprendizagem formal específica o aluno tenderá a optar pelo sentido literal.

No caso da expressão idiomática *sem papas na língua*, utilizada para indicar “com franqueza”, os inquiridos souberam identificar o seu sentido figurado, ainda que a margem de diferença para o sentido literal seja ligeira. Para compreender o sentido desta expressão os inquiridos teriam de realizar um processo de alargamento, não só do sentido da palavra *língua*, significando o ato de falar, mas também da ideia de ausência de obstáculos, linguisticamente construída pelo grupo preposicional.

Os dados parecem apontar para uma construção do saber decorrente da aprendizagem formal ou do contacto com a língua, já que não existe termo similar em chinês e que, na falta daquele, os inquiridos têm a tendência de traduzir literalmente cada um dos constituintes.

⁹ Convém ressaltar que a expressão normalmente inclui um artigo definido ou indefinido quando se refere à presença de um profissional de saúde. Vejam-se alguns exemplos: a) solicita-se a *visita de médico sueco* às nossas instalações; b) a *visita do médico de família* ao domicílio é possível; c) gostaria de solicitar a *visita de um médico* à minha residência.

Em relação à expressão *ódio mortal*, embora não exista um correspondente em chinês, observou-se que a maioria dos inquiridos reconhece o seu sentido figurado. Não obstante estes dados, ainda existe uma parcela que opta pelo sentido literal, o que também pode estar associado à expressão *crime de ódio*, resultante, em alguns casos, na morte da vítima. Assim, poderão estar estes inquiridos a estabelecer uma relação entre o sentimento e a sua consequência? Por que razão aqui demonstram esta capacidade de transposição entre realidades e noutros casos não? Tudo isto faz-nos pensar sobre a necessidade de explorar a metáfora e a conotação com estes alunos.

No trabalho de Ruixi (2021), colocou-se ainda uma questão que visava testar o reconhecimento de algumas expressões sem correspondente em CH.

Tabela 4. Resultados do teste de reconhecimento

Expressões	Reconhecimento		Desconhecimento	
	G1	G2	G1	G2
Com unhas e dentes	40%	70%	60%	30%
Elefante branco	15%	35%	85%	70%
Estar com os azeites	40%	25%	60%	75%
Amigo de Peniche	10%	10%	90%	90%

Os resultados gerais apontam para o desconhecimento das expressões, o que pode ter duas justificações: em primeiro lugar, a baixa frequência de algumas, como indicam os dados apresentados inicialmente; em segundo lugar, a origem associada a episódios históricos ou a práticas sociais.

Primeiramente, observe-se o caso de *ser amigo de Peniche*: conta-se que, em 1589, chegaram ao porto de Peniche alguns soldados, enviados pela rainha de Inglaterra, Isabel I, para ajudar D. António a recuperar a coroa portuguesa e que os apoiantes deste diziam entre si: “Vêm aí os nossos amigos que desembarcaram em Peniche... Vêm aí os nossos amigos de Peniche” (Rente, 2013, p. 108). Se se juntar o desconhecimento deste contexto histórico por parte dos alunos estrangeiros (o que certamente também se observaria com portugueses), à baixa frequência e à sua opacidade, é evidente que os resultados são negativos.

Um outro caso também crítico é a expressão *elefante branco*, cujo significado figurado tem origem na oferta de um elefante, ao rei do Sião, por parte de um elemento da corte. Por se tratar de um animal sagrado de grandes dimensões, não era útil em termos práticos (Rente, 2013).

Por último, *estar com os azeites* tem a sua origem na ingestão em demasia de azeite e do refluxo gástrico que isso provoca (Rente, 2013). Por extensão, a pessoa fica indisposta, incomodada, irritada. A relação entre a expressão e o seu sentido figurado não é, uma vez mais, de todo linear e está muito arreigada a práticas culturais (dieta mediterrânica).

Com estes exemplos pretende-se demonstrar que a ausência de um correspondente em CH, a falta de informações históricas ou culturais e a baixa frequência de uso, dificultam o reconhecimento das expressões, independentemente do tempo de estudo da língua portuguesa ou do período de imersão.

5. Conclusões

A língua materna e a L2 entram sempre em ação no processo de aquisição de uma outra língua, permitindo estabelecer conexões entre saberes. Se umas vezes as associações interlinguísticas ajudam, outras podem ser prejudiciais, por isso é sempre conveniente considerar o repertório linguístico de um estudante quando se pretende compreender os seus desvios e melhorar o processo de aprendizagem.

Neste breve trabalho, começámos a explorar o papel da língua materna na aquisição dos fraseologismos e foi possível perceber que o facto de existir um correspondente em CH auxilia o processo, sobretudo por se estar a tratar de uma área que trabalha com conceptualizações e não com regras gramaticais. Considera-se que o facto de os alunos terem na sua língua materna um correspondente que ilustra conceptualmente uma ideia os pode ajudar a compreender a expressão em PT. Por outro lado, também se concluiu que, em níveis iniciais, a existência de expressões similares em CH com sentidos diferentes ou expressões diferentes com sentidos similares pode promover desvios. Isto vai ao encontro da teoria da *Interlíngua* proposta por Selinker (1972), que a considera como um período transitório que decorre até à assimilação total da língua-alvo, ou seja, o recurso a conhecimento de outras línguas para a construção de um sistema de regras é mais expressivo com níveis de proficiência mais baixos.

Foi também possível observar que o tempo de estudo e o período de imersão contribuem para o reconhecimento do significado, já que os alunos do Grupo 2 obtiveram sempre resultados superiores aos do Grupo 1. No entanto, também é pertinente referir que, mesmo estando expostos aos fraseologismos, o significado figurado pode não ser compreendido, a não ser que exista uma explicação clara.

No futuro, gostaríamos de alargar o âmbito deste trabalho, não só mobilizando mais expressões em CH, como também estabelecendo conexões com as outras línguas que integram o repertório dos alunos. No início do nosso texto, falámos brevemente das proximidades entre PT e inglês, e gostaríamos de perceber, futuramente, como esse conhecimento contribui para a construção do saber.

Referências

- Brown, H. D. (1980). *Principles of language learning and teaching*. Prentice-Hall Regents.
- Burger, H. (1998). *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Erich Schmidt Verlag.
- Burger, H., Buhofer, A., & Sialm, A. (Eds.). (1982). *Handbuch der Phraseologie*. de Gruyter.
- Dobrovolskij, D., & Piirainen, E. (2005). *Figurative language. Cross-cultural and cross-linguistic perspectives*. Elsevier.
- Firth, J. (1957). *Papers in linguistics 1935-51*. Oxford University Press.
- Gagné, C., Spalding, T., & Nisbet, K. (2016). Processing English compounds: investigating semantic transparency. *SKASE Journal of Theoretical Linguistics*, 13(2), 2–22.
- Gaston, G. (2000). *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions*. Editions Ophrys.

- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980) *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.
- Libben, G. (1998). Semantic transparency in the processing of compounds: consequences for representation, processing, and impairment. *Brain and Language*, 61(1), 30–44. <https://doi.org/10.1006/brln.1997.1876>
- Mel'chuk, I. (1995). Phrasemes in language and phraseology in linguistics. In M. Everaert, E.-J. van der Linden, A. Schenk & R. Schreuder (Eds.), *Idioms: structural and psychological perspectives*. Psychology Press
- Kellerman, E. (1987). *Aspects of transferability in second language acquisition* [Tese de mestrado, University of Nijmegen]. Radboud Repository. <https://repository.ubn.ru.nl/handle/2066/113363>
- Rente, S. (2013). *Expressões idiomáticas ilustradas*. LIDEL.
- Rio-Torto, G. (2012). Lexical idiomaticity and word processing. In A. Fabregas, E. Feliu, J. Martiu & J. Pazó (Eds.), *Los limites de la morfología. Estudios ofrecidos a Soledad Varela Ortega* (pp. 397–412). Universidad Autónoma de Madrid. <https://doi.org/10.15366/l.morfologia2012.024>
- Ruixi, L. (2021). *Aquisição de expressões fraseológicas em PLE (Português Língua Estrangeira): dificuldades dos aprendentes chineses* [Tese de mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/32819>
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *IRAL: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10(3), 209–231.
- Seuren, P., & Wekker, H. (1986). Semantic transparency as a factor in Creole Genesis. In P. Muysken & N. Smith (Eds.), *Substrata Versus Universals in Creole Genesis* (pp. 57–70). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cil.1.05seu>
- Silva, D. (2002). *A vida íntima das palavras- origem e curiosidade da língua portuguesa*. Editora Arx.
- Sinclair, J. (Ed.). (1991). *Corpus, concordance, collocation*. Oxford University Press.
- Vilela, M. (2002). As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2, pp. 159–189). Universidade do Porto.

[recebido em 28 de fevereiro de 2022 e aceite para publicação em 1 de setembro de 2022]